

HÁ CRIANÇAS NA SALA DE ESPETÁCULOS! – VESTÍGIOS DA PRESENÇA DE PEQUENINOS ESPECTADORES NOS TEATROS DO RECIFE

RESUMO – Reconhecendo que a história é fragmentada e só temos alguns resíduos do passado, sendo este impossível de ser registrado em sua inteireza, o artigo propõe um passeio por momentos distintos da relação da criança com o teatro ao longo do tempo no Recife. São pontuados, então, no sentido de dar identidade a este mundo social da infância com a arte teatral, e partindo principalmente de dados recolhidos na imprensa, determinadas situações que revelam como o segmento teatral foi, aos poucos, reconhecendo meninos e meninas como público específico, com direito a dramaturgia voltada ao seu universo lúdico e fantasioso, e não mais consumindo peças que, em sua origem, não tinham como espectador alvo a infância, mas sim, os adultos, ainda que fossem divulgadas como “para toda a família”. Numa viagem pelos séculos, este artigo contextualiza o ambiente cultural que antecedeu o projeto criado por Valdemar de Oliveira em 1939 no Teatro de Santa Isabel, com o lançamento das matinais dominicais naquele palco, agora finalmente recebendo espetáculos feitos por e para crianças. Uma significativa reviravolta que passou a valorizar a fruição teatral dos pequeninos espectadores em sua inteireza. **Palavras-chave:** Teatro. Crianças. História. Infância. Recife.

ABSTRACT – Recognizing that history is fragmented and we have just some pieces from the past, which is impossible to be registered in its totality, this article proposes a tour around some distinct moments of the relationship between children and the theatre over the years in Recife. In the sense of giving identity to the social world of the childhood with the performing arts, and starting mainly from data collected in the written press, certain situations will be shown here, in order to reveal how the theatrical segment was, little by little, recognizing boys and girls as a specific audience with the right to a dramaturgy focused on their playful and full-of-fantasy universe, and no longer consuming plays that, in their origin, did not have children as spectators but adults instead, even if they were labeled as “for the whole family”. In a tour through the centuries, this article contextualizes the cultural environment that preceded the project

created by Valdemar de Oliveira in 1939 at Santa Isabel Theater, with the launching of the Sunday *matinees* on that stage, finally, by then, receiving shows performed by and made to children: a significant overturn that started to valorize the theatrical fruition of the little spectators in their totality. **Keywords:** Theater. Children. History. Childhood. Recife.

Na etimologia da palavra infância, infante é aquele que não fala, não tem voz e vez, uma tradução infelizmente perfeita da história do teatro para a infância no Brasil e, conseqüentemente, em Pernambuco, ambas com tão poucas publicações. Para sanar parte de tamanho vácuo, este artigo vem lançar um olhar retrospectivo sobre o que existia antes da primeira encenação feita por e para crianças a ocupar o Teatro de Santa Isabel, a peça *Branca de Neve e os 7 Anões*, pelo Grêmio Cênico Espinheirense, em 1939, um marco para a produção cênica voltada às crianças em Pernambuco. Foi assim que se deu início o projeto das matinais infantis dominicais naquele palco, idéia do administrador da casa, o teatrólogo Valdemar de Oliveira, oportunizando àquele público teatro específico ao seu mundo. Mas quais as opções de teatro para a infância antes?

Partindo dos pressupostos do historiador David Lowenthal (1998) ao afirmar que tocamos apenas de forma tangencial o nosso conhecimento do passado, sendo ele fugidio, repleto de resíduos, pequenas frações, fragmentos dos fragmentos, e que o que aconteceu jamais pode ser verdadeiramente conhecido, serão aqui pontuados momentos da relação da criança com a arte teatral na cidade do Recife, não negando que este painel tem um caráter seletivo de lembranças ao escolher como principais fontes, além de livros sobre a história do teatro no Brasil, periódicos da imprensa recifense ao longo dos tempos. No entanto, este mapeamento que relembra o passado é crucial para nosso sentido de identidade. Afinal, saber o que fomos confirma o que somos.

Compreende-se que desde que chegou às terras brasileiras trazido pelos portugueses, o teatro nunca fez distinção entre as plateias adultas ou infantis, a começar das apresentações de caráter missionário realizadas pelo teatro jesuítico no Século XVI. No livro *Pequena História do Teatro no Brasil*, o pesquisador Mario Cacciaglia (1986, p. 83) anota que uma das primeiras peças representadas no país, *Diálogo Sobre a Conversão do Gentio*, do padre Manuel da Nóbrega, quando de sua exibição no Espírito

Santo em 1583, contou com os próprios índios como atores:

[...] e um coro de crianças nuas e sarapintadas [que] alegraram o espetáculo com gritos de guerra e danças desenfreadas. Outros meninos indígenas dançaram e cantaram quadras pastoris ao ritmo de violas, tambores e flautas.

Ou seja, o nosso teatro já nasceu voltado a todas as idades, com garotos na plateia ou mesmo representando. Com o passar dos anos, em meio a religiosos, indígenas e, mais à frente, estudantes – as poucas personagens femininas eram jovens travestidos –, as crianças formavam o público perfeito para apreender lições de conversão e educação nas exhibições por pátios de colégios, procissões, no adro das igrejas ou ao ar livre. E se nos séculos XVII e XVIII vemos o teatro confundido com as festividades públicas e sofrendo até mesmo a proibição de acontecer em qualquer parte da nossa jurisdição por meio de uma pastoral religiosa, somente com o alvará de 17 de julho de 1761, assinado pelo Marquês de Pombal, foi instituída a necessidade de casas de espetáculos em todo o território nacional.

No Recife, em 1772, surgiu, então, a Casa da Ópera, o primeiro teatro em terras pernambucas, um edifício térreo localizado no bairro de Santo Antônio, onde hoje é a rua do Imperador. Nos 78 anos em que esta casa de espetáculos sobreviveu, ainda que tenha tido de grandiosas a medíocres produções em sua programação esporádica, vindas principalmente do estrangeiro, não encontramos registros de peças voltadas à meninada, mas é quase certo que os filhos da melhor sociedade deviam acompanhar seus pais àquela diversão adulta que, se na cultuada França era sinônimo de elegância, no Recife ocupava uma casa de fama bastante duvidosa. A promiscuidade praticada ali por homens e mulheres costumava fechar o teatro constantemente por decisão policial.

No entanto, dá para imaginar que garotos de todas as classes sociais, seja nos camarotes ou na plateia composta por caixeiros e comerciantes, deleitavam-se com as comédias ali representadas ou ainda os dramalhões, as peças de quaresma, os números de danças e cantos ou durante as temporadas líricas, bem mais constantes. No mais, presume-se que a sensação para o público mirim devia ser as noitadas de prestidigitação e fantasmagoria, a exemplo das récitas do Mr. Siasset em outubro de 1829, que, segundo Valdemar de Oliveira (s. d., p. 30) na pesquisa intitulada *Origem do Teatro, no*

Brasil, ainda inédita, prometia “estudos athe sobrenaturaes”, trazendo a cada noite uma “nova invenção de Optica e Chimica”. Aos poucos, os pernambucanos foram aventurando-se a ocupar a cena nas primeiras sociedades dramáticas do Recife, ainda no século XIX.

Estas, em número bem reduzido, costumavam apresentar espetáculos sociais com pretensão de agradar a toda a família, mesmo que a maioria fosse exibida no horário noturno das 20h30 e com temáticas nem sempre atraentes à meninada. O Congresso Dramático Beneficente, fundado em 12 de junho de 1884, e a Distração Dramática Familiar da Torre, atuante a partir de 1896, esta última com “teatrinho” próprio e elegante, segundo o *Diario de Pernambuco* (26 out. 1902, p. 2), são exemplos daquele momento, quando ainda não havia espetáculos direcionados a criança mas as comédias de costume serviam para entretê-las. Não era raro surgir na imprensa alguns chamarizes, como a oportunidade de ver um espetáculo de variedades ou a distribuição de bombons aos pequeninos espectadores, mesmo nas sessões noturnas.

Foi então que o Brasil viu a “febre” de meninos e meninas prodígios transformados em estrelas de espetáculos para agradar as famílias no tradicional horário noturno das 20h30. Talvez a primeira destas equipes a chegar no Recife tenha sido a Companhia Infantil de Zarzuelas, que aportou no Teatro de Santa Isabel em agosto de 1893, trazendo a família do ator e empresário Raphael Arcos, sua esposa e também atriz Raphaela Fernandez, junto às crianças Raphael, Fernando e Maria. A temporada, que deveria acontecer por trinta dias, foi encerrada antes do previsto, com a equipe partindo em viagem de navio para o Maranhão. Logo na estreia, um cronista do *Jornal do Recife* (8 ago. 1893, p. 3) atestou: “Não é o que se póde chamar uma bôa companhia que provoque entusiasmo á platéa, porém também não quer dizer que não seja digna de applausos”. As crianças, claro, foram muito mais valorizadas artisticamente do que os adultos em cena.

Bem melhor recebida foi a Grande Companhia Infantil do Rio de Janeiro, que causou verdadeiro furor na plateia masculina ao chegar à capital pernambucana em maio de 1899, isto porque as jovens do elenco foram recebidas como verdadeiras divas e, mesmo implicitamente, esbanjavam certo apelo sexual. Tanto que suas fotografias eram expostas no teatro, em livrarias, e comercializadas até em cafés da cidade. A

temporada aconteceu no Teatro de Santa Isabel com um repertório eclético de revistas, operetas, zarzuelas, vaudevilles, comédias e canções, com destaque para a opereta *Os Sinos de Corneville*, a revista madrilena *A Gran-Via*, a zarzuela espanhola em um ato *O Dominó (La Mascarita)*, e a peça sacra *Milagres de S. Benedito*, de Souza Pinto.

No elenco de moças e rapazes, Elvira Guedes, Consuelo Uhles, Deocleciano Costa e Franklin de Almeida, entre outros, sob regência do maestro Sotter dos Santos e direção artística do ator Phebo. Ali começou o partidarismo entre estudantes e comerciantes, divididos entre “elviristas” e “consuelistas”, louvando cada qual sua artista mirim preferida. Chegaram mesmo a confrontos físicos na época. As sessões aconteciam quase que diariamente, sempre às 20h30. Na despedida, a 1 de junho de 1899, finalmente uma *matinée* foi programada, especialmente oferecida à infância pernambucana, com apresentação do 2º ato do vaudeville *Niniche*, com música de M. Boullard, seguido da zarzuela *O Dominó*. Os anúncios de jornal chamavam a atenção que o elenco seria constituído “por todos os petizes da Companhia!”.

A vitoriosa equipe voltou ao Recife a 2 de junho de 1900, depois de sucesso pelo Espírito Santo, Amazonas, Maranhão e Paraíba, ficando em cartaz até 31 de julho daquele ano, tendo como novo destaque Luiz de França, um ator alagoano já radicado em Pernambuco. Duas obras musicadas em repetição, *Marcha de Cadiz* e *Tim-Tim Por Tim-Tim*, foram os maiores sucessos desta vez. No meio da temporada, Consuelo Uhles abandonou a equipe e realizou um espetáculo em benefício próprio a 29 de julho de 1900. Após tanto alvoroço dos espectadores, a Grande Companhia Infantil do Rio de Janeiro acabou dissolvida no Recife, mesmo após duas brilhantes temporadas, ambas com disputas entre duas alas masculinas no intuito de consagrar suas artistas prediletas.

Em paralelo às visitas das companhias estrangeiras ou que chegavam principalmente do Rio de Janeiro, todas com foco no público adulto, a produção local recifense foi crescendo nestes primeiros anos do século XX, com novas sociedades dramáticas aparecendo, praticamente todas com “teatrinhos” próprios. Entre estas, a Arcádia Dramática Beneficente Pinheiro Chagas, em atividade entre 1906 e 1908, no Pátio do Carmo; o Grêmio Dramático Espinheirense, atuante entre os anos de 1907 a 1915, no bairro do Espinheiro; e a Diversão Dramática Familiar Júlio Dantas, fundada em 1908 e com registro de atividades até 1911. A programação, sempre que possível

mensal, apresentava um drama em três atos seguido de uma comédia em um ato.

A 25 de julho de 1909, por exemplo, a Polínia Dramática Areiense realizou mais um espetáculo social para os seus associados no “teatrinho” que possuía no bairro de Areias, com o drama em dois atos *Como Deus Castiga*. Num dos intervalos, houve sorteio de uma boneca entre as crianças presentes. Em seguida, foi apresentada a comédia *O Criado Distraído* (raramente os autores eram divulgados). Paralelo à programação local, as grandes companhias que chegavam de fora também passaram a agendar sessões especiais aos pequeninos, ainda que o foco fosse nos familiares que pagavam ingresso. Em abril de 1910, em turnê com a Grande Companhia Dramática do Theatro da Exposição Nacional de 1908, a atriz Lucília Peres programou uma grandiosa *matinée* dominical no Teatro de Santa Isabel com a peça *Rei dos Ladrões*, dando entrada grátis às crianças e ainda distribuindo-lhes bombons.

Com a aparição do cinema no Recife no início do século XX, aos poucos foram sendo instituídas as *matinéés* infantis como opção de diversão. O teatro não escolheu esta segmentação, e meninas e meninos continuavam frequentando os mesmos espetáculos vistos por adultos, mas quase sempre pagando ingresso com preço menor ou tendo entrada franca, desde que acompanhados de alguém da família (certamente para atrair aqueles familiares que não podiam estar no teatro à noite ou não tinham com quem deixar suas crianças). Desde o Cinema-Pathé, o primeiro a funcionar na capital pernambucana, inaugurado no dia 27 de julho de 1909, na antiga rua Barão da Victoria, hoje rua Nova, as sessões começavam ao meio-dia e seguiam continuamente até às 22 horas. O mesmo aconteceu com o Cinema Royal, lançado em 6 de novembro de 1909, na mesma rua Barão da Victoria, com *matinée* de meio-dia às 16 horas já em seu segundo dia de funcionamento. Na mesma data, no Teatro de Santa Isabel, a visitante Companhia Miranda oferecia uma *matinée* de *A Viúva Alegre*, ópera cômica de Franz Lehar, às 14 horas, com distribuição de bombons às crianças.

Já no Cinema Popular, surgido em 4 de setembro de 1910, no bairro de São José, as sessões iniciavam-se mais cedo ainda, às 10 horas. Os filmes curtos programados misturavam dramas e comédias e espécies de documentários do cotidiano mundial. Ainda no decênio 1910, surgiram novas casas de diversões no Recife. O Teatro-Cinema Helvética foi inaugurado em 26 de março de 1910, na rua dr. Rosa e Silva, hoje rua da

Imperatriz, mas já nos anos 1920 só apresentava funções cinematográficas e números de variedades (o Pequeno Edson, integrante da Companhia Infantil de Variedades, chegou a ser aclamado “o ídolo da petizada” durante temporada em 1926). Ainda em 6 de outubro de 1911 surgiu o Polytheama Pernambucano (mais à frente, Cine-Teatro Polytheama), funcionando na rua Barão de São Borja, também no mesmo estilo.

No ano de 1915 o Recife viu ser erguido o Teatro do Parque, inaugurado na rua Visconde de Camaragibe, hoje rua do Hospício, no dia 24 de agosto (em janeiro de 1920 o espaço recebeu temporada vitoriosa da Companhia Lyrica Juvenil com várias óperas); o Cine Ideal, funcionando na rua Vidal de Negreiros, no Bairro de São José; e o Teatro Moderno, lançado em 15 de maio, em frente à Praça Joaquim Nabuco, cineteatro que costumava marcar apresentações cênicas antes de cada exibição cinematográfica. Lá, no início dos anos 1920, os humoristas João Bozan e Tampinha fizeram sucesso nas *matinéés* infantis programadas aos domingos pela manhã, com farta distribuição de bombons à “petizada”, como se falava na época, em meio a concursos infantis.

Como o tímido segmento teatral no Recife continuava a ser dominado pela presença de companhias nacionais ou internacionais em itinerância, frente às poucas iniciativas de artistas locais, algumas daquelas continuaram a programar sessões especiais dedicadas à meninada, mas com os mesmos espetáculos apresentados à plateia adulta, já que ainda não havia o conceito de censura e distinção de faixa etária para público específico. No entanto, provavelmente as partes de maior malícia eram amenizadas. Este foi o caso, por exemplo, das companhias de revistas que chegaram ao Recife no ano de 1927 para o Teatro do Parque, oportunizando ao público mirim assistir o mesmo repertório oferecido à noite aos adultos, com sessões agendadas nas “*Matinéés* Infantis” dos domingos, às 14h30.

A Companhia Negra de Revistas, que tinha como um de seus astros aquele que futuramente seria conhecido como o Grande Otelo, na época um menino com “aquela pôse toda de gente grande”, segundo o jornal *A Província* (13 abril 1927, p. 3), ofereceu duas *matinéés* ao mundo infantil pernambucano durante sua temporada no Teatro do Parque, em abril de 1927, com a revista *Café Torrado* e cobrança de ingressos. Já a Companhia Nacional de Revistas do Rio de Janeiro, no mesmo Teatro do Parque, em junho de 1927, programou para a meninada as revistas *A’ La Garçonne* e *Meu Bem*,

Não Chora..., ambas com farta distribuição de bombons oferecidos pela fábrica Renda, Priori & Irmão. Vale lembrar que era mais comum às crianças ter como opção cultural a presença de ventrílocos, mágicos e animais amestrados nos teatros.

Somente no ano de 1930 uma equipe local, o Grupo Cine-Teatro, lançada pelo Teatro Moderno, passou a agendar uma *matinée* específica para a criançada, curiosamente com uma peça que provavelmente não tinha nenhum interesse aos pequeninos espectadores, *O Amor Faz Coisas...*, de Samuel Campelo. Tanto que a iniciativa não teve reprise. No dia 17 de maio de 1931 aconteceu outra *matinée* infantil com texto aparentemente mais atrativo, *A Máscara Verde*, de autor e diretor não revelado, como lançamento do grupo Arts Nouveaux. O *Diario de Pernambuco* (5 maio 1931, p. 3) ressaltou que a obra era um “magnifico vaudeville que por suas constantes situações ultra-comicas bem merece a expressão de verdadeira fábrica de gargalhadas”. A programação foi encerrada com um ato variado de canto. Num dos intervalos foram sorteados brindes às crianças.

Ainda no mês de junho de 1931 surgiu a notícia no *Diario de Pernambuco* (12 jun. 1931, p. 3) que o carioca José Carlos Queirolo, popularmente conhecido por Chicharrão, iria exhibir no Cine Teatro da Paz, no bairro de Afogados, por três *matinéés* às 15 horas, a começar daquela data, o seu interessante conjunto de animais: “[...] a cobra equilibrista, o macaco que dança (sic) maxixe com sua companheira Dondoca, o burro diplomata, a macaca que trabalha na bola e se equilibra no arame e os cachorros acrobatas”. Por sua vez, enquanto o Teatro Moderno recebia a instalação de aparelhos para renovação do ar na sua sala de espetáculos, continuavam naquele centro de diversões, aos domingos, as “*Matinéés Infantis*” com filme seguido do ventríloco Argo e sua troupe de bonecos, além do sorteio de brindes.

Com o aparecimento do Grupo Gente Nossa em agosto de 1931, liderado pelo diretor do Teatro de Santa Isabel, o teatrólogo Samuel Campelo, no domingo 15 de novembro de 1931, às 14h30, foi programada a primeira vespéral infantil da equipe com o sainete *Mamãe Quer Casar*. Crianças acompanhadas não pagavam ingresso. A peça conseguiu agradar a “petizada”, mas ainda não era uma dramaturgia específica para meninos e meninas, e, sim, voltada para toda a família ou mesmo só interessando aos adultos. Uma nova vespéral foi realizada no domingo 22, com distribuição de bombons

e apresentação das farsas *Atrapalhações de Um Noivo* e *Engano da Peste*, seguidas de anedotas caipiras por Barreto Júnior e Renato Marques e números de canto com Lélia Verbena, Zuzu Rocha e Armando Lívio. A iniciativa não deu certo e ganhou explicação no *Diário de Pernambuco* (28 nov. 1931, p. 4):

Sendo difícil conseguir peças que intéresse à criançada e ao mesmo tempo, as pessoas adultas, o Grupo Gente Nossa resolveu acabar com os vesperais infantis. Era desejo do Grupo realizar também tardes femininas, o que, entretanto, agora não é possível fazer. Assim, pois, resolveu dar apenas vesperais aos domingos, sem a denominação de infantis, mas não impróprios para crianças em que estas tenham entradas grátis bem como fazer abate nos preços de entradas para senhoras e senhorinhas.

Mesmo assim, não foram poucas as vezes que o Grupo Gente Nossa iria oferecer peças pretensamente para todas as idades em horários específicos à meninada, exatamente a partir de 1932, ano em que, além de obras declamadas, o coletivo passou a programar operetas e burletas. No mês de março, continuando sua intensa programação no Teatro de Santa Isabel, o Grupo Gente Nossa ofereceu a peça *A Cabocla Bonita*, de Marques Porto e Ari Pavão, com música de Sá Pereira, evento que deu entrada franca às crianças acompanhadas e que contou com um ato variado em sequência com a participação do repentista Minona Carneiro e do tenor Vicente Cunha, entre outras atrações.

A partir daí, foram muitas as montagens que tentaram reunir público de todas as idades na plateia, com destaque a textos como *O Interventor*, de Paulo Magalhães, e *A Rosa Vermelha*, opereta de Samuel Campelo (libreto) e Valdemar de Oliveira (partitura musical), tendo a atriz/cantora Maria Amorim como protagonista. Bem recebida por público e crítica nas sessões noturnas anteriores, esta peça fez uma vespéral especial para crianças (com estas mais uma vez entrando grátis se acompanhadas da família), terminando com um ato variado em que Minona Carneiro cantou emboladas. Em agosto de 1932, nova tentativa com *O Homem da América*, comédia de Francisco Dornellas, desta vez com abatimento no ingresso para estudantes e crianças.

Importante lembrar que no início daquele ano, foi a pequena “black-girl” Little Esther, dançarina negra com doze anos de idade e já afamada em todo o mundo, quem surgiu como a primeira “estrela” a aportar no Teatro de Santa Isabel, acompanhada de

sua Breakaway Jazz e do artista cômico brasileiro Valdomiro Lôbo, este em números de canto, declamação e contos humorísticos. A menina norte-americana, uma “endiabrada negrinha”, “rival de Josephine Baker”, como a chamavam na imprensa, já era conhecida do público recifense por ter sido um dos destaques do filme *Follies 1929*, da Fox-Film. Ela conseguiu fazer várias *matinéés* e *soirées* (sessões à tarde e à noite) no Teatro de Santa Isabel, sempre com casa cheia, atraindo espectadores de todas as idades.

O fato é que, até o lançamento das matinais dominicais com dramaturgia específica para as crianças e elenco de meninos e meninas como intérpretes e não mais atores adultos, algo que só aconteceria em 1939, o Grupo Gente Nossa tentou, por diversas vezes, chamar a atenção de garotos e garotas do Recife, garantindo atrativos aos seus familiares na plateia. *Chuva de Filhos (Meu Bebê)*, do francês Maurice Hennequin, “peça para rir do principio ao fim”, segundo o *Diário de Pernambuco* (4 dez. 1932, p. 8), foi outra obra naquele ano de 1932 que também ganhou sessão especial à petizada, em vespéral. Numa fase vitoriosa, o Grupo Gente Nossa ainda fez o remonte de *A Honra da Tia*, comédia de Samuel Campelo lançada em 1931, agora com crianças entrando gratuitamente na plateia, além da distribuição de brindes e bombons. Números de variedades também foram vistos nos intervalos de cada ato.

A estreia do mês de dezembro de 1932 foi *O Cazuza Não Tem Pai!*, sainete cômico de Djalma Bittencourt, voltado a todas as idades. Além de números de canto e declamação nos intervalos, mais brindes foram distribuídos às crianças. O momento era tão promissor que *O Cazuza Não Tem Pai!* voltou à cena em janeiro de 1933. A seguir, foi a vez da opereta *O Gato Escondido*, libreto de João Valença, com música de Raul Valença, ganhar também sua vespéral, assim como aconteceu com a comédia *O Amigo Tobias*, original espanhol da dupla André del Prada e González del Toro, com tradução de Brandão Sobrinho, aqui acompanhada de números de canto e a Jazz Gente Nossa tocando nos intervalos.

O lançamento de *Bombonzinho*, de Viriato Correia, no Teatro de Santa Isabel, se deu a 10 de março de 1933, às 20h45, com vespéral em sequência no dia 12, às 15 horas, em mais uma récita com entrada franca às crianças acompanhadas. Encerrando a série de espetáculos daquele mês e com o objetivo de estimular a produção dramaturgica local, subiu à cena no dia 30 a opereta de costumes regionais *Coração de*

Viroleiro, dos Irmãos Valença, “trabalho contendo uma partitura lindíssima e um libreto capaz de fazer rir ao mais sisudo espectador”, assegurou o *Diário de Pernambuco* (29 mar. 1933, p. 5). Meninas e meninos pagavam ingresso (a sessão começou às 21 horas, numa quinta-feira). Devido ao êxito da estreia, a peça retornou em vespéral de despedida no dia 1 de abril de 1933, um sábado à tarde, agora com as crianças acompanhadas entrando gratuitamente.

Com a chegada do ano de 1934, foi a vez de aportar no Recife a Companhia de Grandes Atrações Vilar-Azevedo para temporada de seis dias no Teatro Moderno, com apenas uma *matinée* infantil. Procedente do Teatro Cassino de Buenos Aires, a equipe era liderada por Júlio Vilar, ilusionista já conhecido do público recifense, acompanhado dos acrobatas e malabaristas Irmãos Azevedo, dos gladiadores Os Almeidas, e dos cães amestrados Fly and Jambo, que faziam operações aritméticas. Em dezembro de 1935 nova oportunidade aconteceu às crianças com a inauguração da Festa da Mocidade no Parque 13 de Maio, por estudantes de escolas superiores da cidade, em prol da Casa do Estudante de Pernambuco. O evento atraía multidões a cada final e início de ano, oferecendo parque de diversões, exhibições de mamulengos, circenses e shows musicais ou cômicos para todas as idades, além de concursos infantis.

Já em 1937 estreou, no Teatro de Santa Isabel, a revista cívico-escolar *Coisas do Meu Brasil*, da professora Maria Elisa Viegas, com alunos do Grupo Escolar Maciel Pinheiro, grandiosa montagem que contou com o maestro Nelson Ferreira regendo a Orquestra da Rádio Clube de Pernambuco. Foram cinco sessões no total, mas tratava-se de uma obra com números variados, de caráter didático e cívico, e não com dramaturgia pensada para o imaginário da infância. Foi somente com a estreia de *Branca de Neve e os 7 Anões* em 1939, adaptação do tradicional conto por Coelho de Almeida, sob direção de Augusto Almeida, com elenco do Grêmio Cênico Espinheirense, que o Recife pôde começar a ver uma sequência de peças feitas por e para crianças, em projeto que finalmente abriu espaço para a diversão teatral da criançada, agora não mais pegando carona em obras voltadas aos adultos.

E a partir desta 1ª Grande Matinal Infantil do Grupo Gente Nossa, com artistas mirins dos quatro aos doze anos em cena, uma verdadeira reviravolta aconteceu no teatro recifense, finalmente com atenção aos pequeninos intérpretes e espectadores,

agora reconhecidos como público específico e com arte própria para o seu mundo. Se tanta história aqui pontuada nos chega fragmentada, é porque nenhum repertório de lembranças é contínuo. Algumas recordações submergem para sempre em nossa memória; outras, emergem à superfície. Ainda que minimamente, este artigo tenta fazer isto: trazê-las à tona de alguma forma.

Referências:

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Revista Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, 1998.

CACCIAGLIA, Mario. *Pequena História do Teatro no Brasil (Quatro Séculos de Teatro no Brasil)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

OLIVEIRA, Valdemar de. *Origem do Teatro, no Brasil*. Recife: obra inédita, s. d.

THEATROS e Diversões. *Diario de Pernambuco*, Recife, 26 out. 1902. p. 2.

COMPANHIA Infantil. *Jornal do Recife*, Recife, 8 ago. 1893. Theatros e Salões, p. 3.

COMPANHIA Negra de Revistas. *A Provincia*, Recife, 13 abr. 1927. Theatros e Cinemas/Parque, p. 3.

THEATRO Santa Izabel. *Diario de Pernambuco*, Recife, 5 maio 1931. Scenas & Telas, p. 3.

CINE Theatro da Paz. *Diario de Pernambuco*, Recife, 12 jun. 1931. Scenas & Telas, p. 2.

AMANHÃ – Vespéral do “Grupo Gente Nossa”. *Diario de Pernambuco*, Recife, 28 nov. 1931. Cenas & Telas, p. 4.

A VESPERAL no “Santa Isabel” – O espetaculo na noite no São Miguel. *Diario de Pernambuco*, Recife, 4 dez. 1932. Vida Teatral/O Grupo Gente Nossa e os seus espetaculos de hoje, p. 8.

GRUPO Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*, Recife, 29 mar. 1933. Cenas & Telas, p. 5.